

“COMO É SER ATLETA NO BRASIL?”: UM ESTUDO SOBRE A DESISTÊNCIA NO ESPORTE DE RENDIMENTO

“HOW IS IT TO BE AN ATHLETE IN BRAZIL?”: A STUDY ON THE ABANDONMENT IN THE ELITE SPORT

“¿CÓMO ES SER UN ATLETA EN BRASIL?”: UN ESTUDIO SOBRE EL RETIRO EN EL DEPORTE DE ALTO RENDIMIENTO

Gabriela Polese^a, Isabella Valandro^a, Kamila Miott^a, Alessandra Vieira Fernandes^a

^aUniversidade Paranaense (UNIPAR), Francisco Beltrão (PR), Brasil

RESUMO

Com o objetivo de identificar os fatores relacionados à impossibilidade e consequente desistência da prática do esporte de rendimento, este estudo, de caráter descritivo, investigou a temática por meio de um questionário composto por questões abertas e fechadas, disponibilizado na plataforma *Google Forms*, cujas respostas foram analisadas por meio de estatística descritiva. A amostra foi composta por 96 ex-atletas, com idades entre 16 e 62 anos, provenientes de diferentes modalidades e estados brasileiros. Os resultados indicam que a necessidade de conciliar trabalho e/ou estudo configura-se como o principal fator de desistência, seguida pela insuficiência de apoio financeiro por parte das organizações esportivas, bem como pela percepção de desvalorização, falta de reconhecimento e precariedade na infraestrutura de treinamento. Tais achados sugerem que a permanência no esporte de rendimento, no contexto brasileiro, está fortemente condicionada a fatores estruturais e institucionais, que extrapolam a dimensão individual dos atletas. Ademais, condições como maior investimento governamental, valorização por parte de equipes e clubes e acesso a serviços de psicologia foram apontadas como elementos que poderiam favorecer a continuidade na prática esportiva. Nesse sentido, o estudo contribui para ampliar a compreensão acerca dos determinantes do abandono esportivo no Brasil, evidenciando a necessidade de políticas públicas, estratégias institucionais e intervenções no



âmbito da Psicologia do Esporte que promovam melhores condições de permanência no esporte de alto rendimento.

PALAVRAS-CHAVE

Esporte; Alto-rendimento; Desistência; Trabalho; Psicologia.

ABSTRACT

In order to identify the factors that involve the impossibility and consequent abandonment of the practice of elite sports, this descriptive study focused on this theme using a questionnaire composed of open and closed questions, made available on the Google Forms platform, and whose answers were analyzed through descriptive statistics. The sample consisted of 96 former athletes aged 16 to 62, from various modalities and Brazilian states. The results indicate that the need to reconcile work and/or study is the main factor in dropping out, followed by insufficient financial support from sports organizations, as well as the perception of devaluation, lack of recognition, and precarious training infrastructure. These findings suggest that remaining in high-performance sports in the Brazilian context is strongly conditioned by structural and institutional factors that go beyond the individual dimension of athletes. Furthermore, conditions such as greater government investment, appreciation from teams and clubs, and access to psychological services were identified as elements that could favor continued participation in sports. In this sense, the study contributes to broadening the understanding of the determinants of sports dropout in Brazil, highlighting the need for public policies, institutional strategies, and interventions in the field of Sports Psychology that promote better conditions for remaining in high-performance sports.

KEYWORDS: Sports; High performance; Abandonment; Work; Psychology.



RESUMEN

Con el fin de identificar los factores que implican la imposibilidad y consecuente retiro de la práctica de deportes de alto rendimiento, este estudio descriptivo se centró en este tema utilizando un cuestionario compuesto por preguntas abiertas y cerradas, disponibles en la plataforma *Google Forms* y cuyas respuestas fueron analizadas a través de estadísticas descriptivas. La muestra estuvo constituida por 96 ex atletas de 16 a 62 años, de diversas modalidades y estados brasileños. Los resultados indican que la necesidad de conciliar trabajo y/o estudio es el principal factor de abandono deportivo, seguido por la falta de apoyo financiero de las organizaciones deportivas, así como la percepción de devaluación, la falta de reconocimiento y la precariedad de la infraestructura de entrenamiento. Estos puntos sugieren que la permanencia en el deporte de alto rendimiento, en el contexto brasileño, está fuertemente condicionada por factores estructurales e institucionales que se extienden a las dimensiones individuales de los atletas. Además, condiciones como una mayor inversión gubernamental, el reconocimiento por parte de equipos y clubes, y el acceso a servicios psicológicos se consideran elementos que pueden favorecer la continuidad en el deporte. En este sentido, el estudio contribuye a una comprensión más amplia de los determinantes del abandono deportivo en Brasil, destacando la necesidad de políticas públicas, estrategias institucionales e intervenciones en el campo de la Psicología Deportiva que promuevan mejores condiciones para la permanencia en el deporte de alto rendimiento.

PALABRAS-CLAVE: Deporte; Alto rendimiento; Desistimiento; Trabajo; Psicología.

INTRODUÇÃO

Diante da repercussão midiática da desistência da ginasta Simone Biles à final individual geral e à final por equipes nos Jogos Olímpicos de Tóquio de 2020 (Zolin, 2021),



muitos questionamentos levantaram-se sobre o porquê. Assim, diversas hipóteses vêm sendo formuladas com relação ao que provoca a desistência no esporte de alto rendimento, incluindo fatores psicológicos, sociais e institucionais. Portanto, torna-se necessário, portanto, possibilitar a manifestação de ex-atletas a respeito desse processo, contextualizando historicamente o esporte e compreendendo como ele se configura na atual realidade. Nesse sentido, o esporte pode ser compreendido como um fenômeno cultural e psicossocial complexo, que expressa dinâmicas individuais e coletivas, bem como tensões próprias do contexto contemporâneo.

O esporte contemporâneo, em seu processo de construção, sofreu influências das transformações socioculturais dos diversos momentos históricos pelos quais passou, absorvendo, ao longo do século XX, características da sociedade moderna (Rubio, 2007). Historicamente, parte da literatura crítica aponta que determinadas configurações do esporte podem enfatizar a dimensão biológica e performática dos sujeitos, visando aprimorar o rendimento (Galak, Zaboli & Manske, 2020). Contudo, algumas discussões têm buscado integrar essa perspectiva a uma compreensão mais ampla, que inclui aspectos psicológicos, subjetivos e contextuais da experiência esportiva (Henriksen, Schinke & Moesch, 2020; Weinberg & Gould, 2017).

Além disso, para Guttmann (1978), o esporte pode ser compreendido como uma forma de adaptação à vida moderna, apresentando, em determinadas condições, características semelhantes ao trabalho formal, como exigência de desempenho, disciplina e produtividade. Tais interpretações têm sido revisitadas à luz de estudos mais recentes, que indicam tanto os potenciais emancipatórios quanto os riscos associados ao esporte de alto rendimento (Knights, 2021).

Dentro dessa lógica, o esporte ramifica-se entre a prática esportiva e o esporte de alto rendimento (Borges et al., 2020), sendo este último o foco do presente artigo. O esporte de alto



rendimento é afirmado por Rubio (2007) como uma prática que pode se relacionar ao esporte espetáculo ou a uma atividade que, mesmo não necessariamente remunerada, exige dedicação e níveis elevados de desempenho.

Esse âmbito esportivo, na contemporaneidade, configura-se como um fenômeno atravessado por múltiplos interesses, regido por valores relacionados ao tempo histórico e social em que se insere. Nesse contexto, o corpo e o desempenho tornam-se centrais, sendo frequentemente associados a demandas de produtividade, visibilidade e resultados (Andrews & Silk, 2018).

Assim, sua modernização e massificação crescente requerem o desenvolvimento de tecnologias específicas (Santos & Somariva, 2015), métodos e substâncias que potencializam as performances esportivas (Manske, 2017). Nesse cenário, o atleta profissional constrói uma carreira marcada por prática deliberada, esforço contínuo e elevado comprometimento (Borges et al., 2020), sendo também atravessado por fatores culturais, organizacionais e psicossociais.

Diante das produções no campo da Psicologia do Esporte, o desempenho e a permanência no alto rendimento estão diretamente relacionados a variáveis como motivação, regulação emocional, suporte social e estratégias de enfrentamento (Nicholls & Polman, 2007; Weinberg & Gould, 2017). Além disso, a literatura destaca a importância do bem-estar psicológico, da saúde mental e da qualidade das relações interpessoais no contexto esportivo, especialmente frente às demandas intensas do alto rendimento (Reardon et al., 2019; Kuettel & Larsen, 2020).

No entanto, apesar dos avanços e investimentos voltados à profissionalização de atletas, ainda persistem desafios importantes, como a falta de infraestrutura, a dificuldade de conciliação entre esporte, estudo e trabalho, e a limitação de apoio financeiro (Romão, 2021). Schinke et al (2020) e Souter, Lewis & Serrant (2018) reforçam que tais fatores estruturais impactam diretamente não apenas a trajetória esportiva mas, também, a saúde mental e o

desenvolvimento psicológico dos atletas. Na busca por resultados, observam-se, por vezes, condutas inadequadas nos processos de formação, como níveis elevados de cobrança e cargas excessivas de treinamento (Vilani, 2001), o que pode contribuir para estresse, *burnout* e abandono esportivo.

Desse modo, segundo Lavoura, Zanetti e Machado (2008), atletas de alto rendimento estão suscetíveis a diferentes atravessamentos, incluindo dificuldades relacionadas à infraestrutura, alimentação e moradia, além da necessidade de conciliar a prática esportiva com outras atividades profissionais. Na literatura, são apontados diversos fatores associados à desistência no esporte, destacando-se condições socioeconômicas (Anversa et al., 2019; Romão, 2021), desigualdade de gênero (Pistor, 2020), desgaste físico e emocional (Lavoura et al., 2008), falta de apoio social e escassez de investimento público (Bertolino, 2002). Ademais, denotamos o papel de fatores psicológicos como perda de motivação, exaustão emocional e conflitos identitários na decisão de abandono (Isoard-Gauthier et al., 2019).

Desse modobardio, percebendo uma lacuna na literatura que articule criticamente as dimensões sociais e psicológicas do esporte, este estudo teve como objetivo identificar os fatores que envolvem a impossibilidade e consequente desistência da prática do esporte de rendimento. Esperamos contribuir para o avanço da compreensão do abandono esportivo no contexto brasileiro, oferecendo subsídios tanto para a Psicologia do Esporte quanto para a formulação de políticas e práticas voltadas à permanência de atletas no alto rendimento.

MÉTODO

Tipo de pesquisa

Este estudo é de caráter descritivo por consistir no levantamento de dados sobre determinado fenômeno - neste caso, a desistência do esporte - visando descrever suas características e possíveis relações entre variáveis, envolvendo o uso de técnicas padronizadas

de coleta de dados (Prodanov & Freitas, 2013).

Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Paranaense - UNIPAR (CAAE: 58098222.5.0000.0109).

Amostra

Participaram deste estudo 96 pessoas que atenderam aos seguintes critérios: ter tido uma relação de rendimento com o esporte, ter participado de competições, ter desistido da(s) modalidade(s) esportiva(s) e ter se disponibilizado para responder um questionário online. O questionário, instrumento desta pesquisa, foi respondido por 100 pessoas, todavia 04 pessoas não atenderam aos critérios mencionados, sendo excluídas da amostra.

Os participantes possuem entre 16 a 62 anos de idade, cuja média de idade foi 26 anos, sendo prevalente a faixa etária entre 20 a 25 anos, correspondendo a 44% da amostra. Dentre os participantes, 59% (N=57)¹ são do gênero masculino, 38% (N=37) são do gênero feminino, 1% (N=1) transgênero e 1% (N=1) preferiu não dizer o gênero.

A maioria dos participantes (96%) afirmaram não possuir deficiência, enquanto 01 participante apontou deficiência auditiva, 01 insuficiência renal crônica, 01 fibromialgia e 01 declarou possuir deficiência, mas não especificou.

Em relação à escolaridade, 39% (N=38) indicaram o ensino superior incompleto; 35% (N=34) possuem ensino superior completo, 17% (N=16) indicaram ensino médio completo, 5% (N=5) ensino médio incompleto e 3% (N=3) possuem ensino fundamental completo. Quanto à raça 69% (N=66) se declararam brancos, 25% (N=25) pardos, 3% (N=3) pretos, 2% (N=2) indígenas e 1% (N=1) amarelo.

Os participantes residem em diferentes estados do Brasil, sendo a maioria proveniente do Paraná (68%), o que pode ser justificado pela maior divulgação na região, uma vez que é

¹ N significa “número”, isto é, contagem de pessoas que apontaram tal resposta.

o local de residência das pesquisadoras. Também participaram residentes de Santa Catarina (11%), Rio Grande do Sul (5%), Tocantins (5%), São Paulo (3%), Paraíba (3%), Bahia (2%) e Rio Grande do Norte (2%).

Instrumentos e procedimento de coleta e análise de dados

A coleta foi realizada entre junho a julho de 2022 a partir de um questionário publicado na plataforma do *Google Forms* e divulgado em redes sociais e em instituições esportivas, atendendo aos preceitos éticos da Carta Circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS que apresenta “Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual”.

Os participantes responderam ao questionário mediante aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - principal requisito para continuidade das seções do formulário - cuja cópia foi enviada aos participantes por e-mail.

O instrumento de coleta de dados consistiu em um questionário composto por 18 questões, sendo elas abertas e fechadas, elaborado a partir do estudo de Rocha e Santos (2010). A construção do instrumento foi orientada tanto pelas questões utilizadas no estudo de referência quanto pelos achados da análise dos autores buscando contemplar aspectos sociodemográficos, trajetória esportiva e fatores associados à desistência no esporte de alto rendimento. O questionário foi organizado em três eixos principais: dados sociodemográficos (idade, gênero, escolaridade, raça/cor, entre outros); informações sobre a trajetória esportiva (modalidade praticada, tempo de prática, vínculo institucional, participação em competições); e fatores relacionados à desistência do esporte, incluindo questões fechadas de múltipla escolha e questões abertas destinadas à livre expressão dos participantes acerca dos motivos do abandono e das condições que poderiam favorecer a permanência.

Os dados coletados foram transferidos para planilha do Microsoft Excel e tratados por meio de estatística descritiva no próprio editor. A escolha pela estatística descritiva justifica-

se pelo caráter descritivo do estudo, cujo objetivo central foi identificar e organizar a frequência dos fatores associados à desistência esportiva.

Por sua vez, as respostas às questões abertas foram submetidas à análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), a partir das etapas de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Esse procedimento permitiu complementar os dados quantitativos viabilizando a compreensão dos significados atribuídos pelos ex-atletas às suas experiências de abandono no esporte.

Vale ressaltar que, após análise, as respostas foram excluídas da plataforma online, com vistas a assegurar a confidencialidade dos dados.

RESULTADOS

Foi possível investigar atletas de diferentes modalidades esportivas (Figura 1), vale mencionar que 34% (N=33) dos participantes apontaram praticar mais de uma modalidade de esporte de alto rendimento.

Figura 1. Modalidades esportivas apontadas pelos participantes



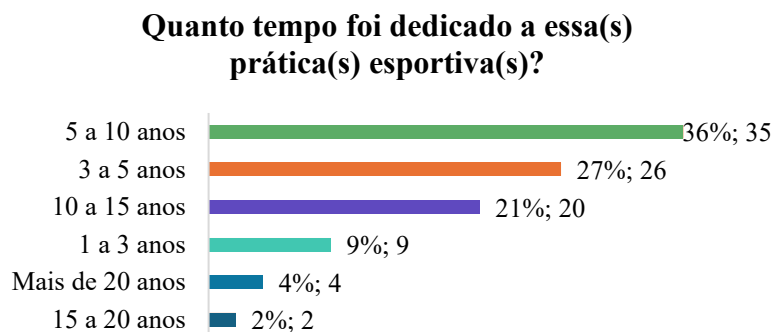
Fonte: Elaborado pelas autoras

Conforme apresentado na figura 1, a maioria dos participantes são provenientes da modalidade Futsal (21%), seguido por Futebol (14,5%), Voleibol (10,8%), Handebol (10,8%) e Rugby (8,7%). Além das modalidades apresentadas, houve afirmação em número menor de participantes: Boxe (1), Capoeira (1), Ciclismo (1), Corrida (1), Corrida de Rua (1), Crossfit (1), E-Sport (1), Ginástica Artística (1), Ginástica de Trampolim (1), Ginástica Rítmica (1), Lançamento de Peso (1), Skate (1), Taekwondo (1), Trampolim Acrobático (1), Xadrez (1).

Dentre os participantes, 78% (N=75) alegaram que sua prática esportiva esteve vinculada a uma instituição (clube, associação, etc.), enquanto que 22% (N=21) negaram.

A maioria deles (36%) indicou que dedicou de 5 a 10 anos à prática esportiva, enquanto que 27% dedicou entre 3 a 5 anos, como revela a figura 2.

Figura 2. Tempo de dedicação à prática esportiva dos ex-atletas.



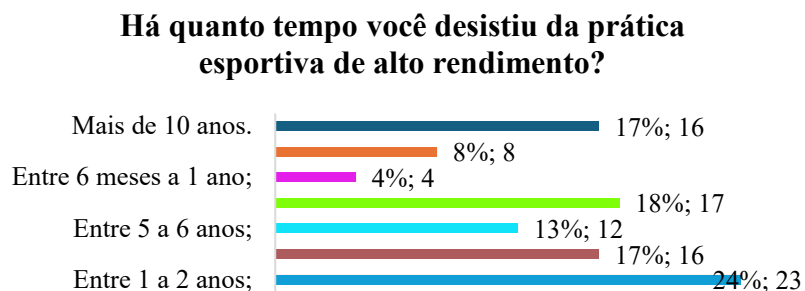
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Em relação à participação em competições, 79% mencionou ter participado de eventos a nível regional, 74% a nível municipal, 37% e 13% a nível federal e internacional, respectivamente.

Quanto ao tempo de desistência do esporte pelos participantes, observamos na Figura 3 que 24% (23) da amostra apontou ter desistido entre 1 a 2 anos, 18% (17) entre 6 e 10 anos,

17% (16) há mais de 10 anos, 17% (16) entre 3 a 4 anos, 13% (12) entre 5 a 6 anos, 8% (8) há menos de 6 meses e, por fim, 4% (4) entre 6 meses e 1 ano.

Figura 3. Tempo de desistência no esporte pelos participantes.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como ponto fundamental desta pesquisa (Tabela 1), destaca-se que um dos principais fatores que provocou a desistência no esporte de rendimento foi a necessidade de trabalhar e/ou estudar, correspondendo a 54% (N=52). Ressalta-se que a articulação do trabalho e estudo, apresentados juntos em uma alternativa do questionário, corresponde à compreensão de que a formação acadêmica no Brasil tem por prevalência o preparo técnico para o mercado de trabalho ao qual, quem estuda é respaldado pela necessidade de garantir um futuro em uma profissão.

Tabela 1. Distribuição dos motivos de desistência do esporte conforme porcentagem em relação ao total de participantes.

MOTIVOS DA DESISTÊNCIA/IMPOSSIBILIDADE DE CONTINUIDADE NO ESPORTE ²	% do Total Geral* (Número de participantes)
Ter precisado trabalhar e/ou estudar e abandonar os treinos.	54% (N=52)
Falta de apoio financeiro ao esporte por parte da organização esportiva.	33% (N=32)
Falta de valorização e reconhecimento do esporte em questão.	32% (N=31)

² A apresentação textual dos motivos está semelhante ao exposto no questionário respondido pelos atletas.



Falta de apoio/organização e/ou falta de equipe técnica especializada (médico, fisioterapeuta, psicólogo, etc.).	28% (N=27)
Ter sofrido alguma lesão que o/a forçou a parar com os treinos.	26% (N=25)
Monotonia/perda de sentido nos treinos, baixa motivação/ engajamento para a prática esportiva.	23% (N=22)
Falta de infraestrutura (pista para treinamento, academia de musculação, suporte técnico, etc.) para o treino da modalidade.	21% (N=20)
Falta de patrocínio.	21% (N=20)
Ter-se percebido incompetente na qualidade técnica e/ou física para alcançar bons resultados (desmotivou-se).	19% (N=18)
Interferência familiar negativa nos treinamentos (pressão, cobranças ou falta de incentivo por parte da família).	16% (N=15)
Questões de saúde mental, como depressão, ansiedade, estresse, transtornos alimentares, transtornos de humor, etc.	14% (N=14)
Problemas financeiros pessoais.	8% (N=8)
Ter sofrido violência psicológica dentro do esporte por parte da equipe ou organização esportiva (xingamentos, humilhação, ofensas, ameaças/chantagem, ridicularização/desvalorização, etc.).	8% (N=8)

Fonte: Elaborada pelas autoras.

*Apresentamos o valor aproximado da % do valor total, cujos valores foram arredondados. Por exemplo: a porcentagem de 22 participantes em relação ao total geral de participantes equivale a 22,91, sendo modificado para 23%; já a porcentagem de 52 participantes que equivale a 54,16, é mantido o valor de 54%.

Observação: os participantes puderam assinalar mais de uma alternativa neste item.

O segundo fator mais indicado pelos participantes (33%) foi a falta de apoio financeiro ao esporte por parte da organização esportiva, seguido da falta de valorização e reconhecimento do esporte em questão (32%). Além disso, 28% indicou a falta de apoio/organização e/ou falta de equipe técnica especializada (médico, fisioterapeuta, psicólogo, etc.), 26% alegou a desistência devido a ter sofrido alguma lesão que o forçou a parar com os treinos e 23% apontaram a monotonia/perda de sentido nos treinos, baixa motivação/engajamento para a prática esportiva.

A falta de infraestrutura (pista para treinamento, academia de musculação, suporte técnico, etc.) para o treino da modalidade e a falta de patrocínio foram mencionadas por 21% dos participantes.



Ter-se percebido incompetente na qualidade técnica e/ou física para alcançar bons resultados foi referido por 19% da amostra, enquanto que 16% apontaram a interferência familiar negativa nos treinamentos (pressão, cobranças ou falta de incentivo por parte da família), e 14% manifestaram como motivos de desistência, questões de saúde mental como depressão, ansiedade, estresse, transtornos alimentares, transtornos de humor, etc.

Os problemas financeiros pessoais e a vivência de violência psicológica dentro do esporte por parte da equipe ou organização esportiva (xingamentos, humilhação, ofensas, ameaças/chantagem, ridicularização/desvalorização, etc.) foram motivos expressos por 8% da amostra.

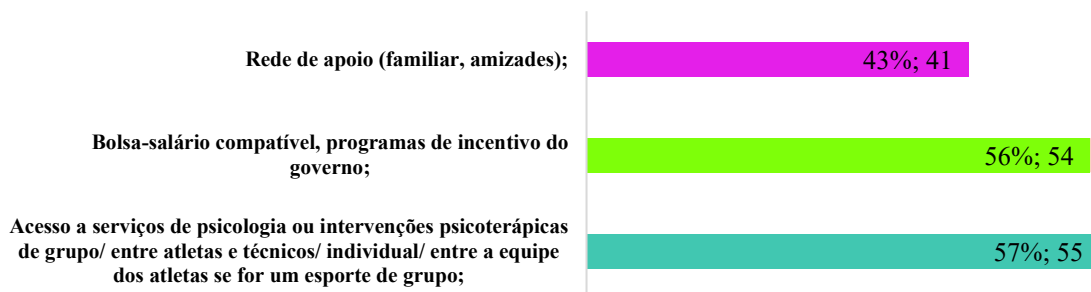
Não houve seleção dos participantes quanto a duas alternativas presentes no questionário, referentes às vivências de violência sexual e violência física dentro do esporte. Por parte da equipe ou organização esportiva.

Ademais, foi inserida uma opção “outros” no questionário para que os participantes pudessem expressar outros motivos de desistência para além daqueles apresentados, sendo mencionados: a falta de condições para realizar treinos e jogos, a pandemia, o início ou encerramento de estudos (como a faculdade), a responsabilidade de cuidar de familiares, os relacionamentos e a desestruturação da equipe. Neste espaço, outros fatores indicando sofrimento psíquico foram citados pelos participantes como determinantes para a impossibilidade de continuar com a prática esportiva.

Também foi investigado o fator que, para estes participantes, poderia ter contribuído para a continuidade da prática esportiva (Figura 4), sendo que 57% manifestaram o acesso a serviços de psicologia ou intervenções psicoterápicas, 56% indicaram a possibilidade de bolsa-salário compatível/programas de incentivo do governo e 43% expressaram que uma rede de apoio (familiar, amizades) poderia ter ajudado na permanência do esporte.

Figura 4. Possibilidades que os participantes apontaram serem relevantes para a possível continuidade da prática esportiva.

O que você percebe que poderia ter feito a diferença no seu contexto para permanecer na prática do esporte de alto rendimento?



Fonte: Elaborada pelas autoras.

Observação: os participantes puderam assinalar mais de uma alternativa neste item.

Além dessas opções, foi disponibilizado um espaço no formulário para que os participantes descrevessem aspectos que poderiam ter influenciado sua permanência no esporte. As respostas foram analisadas por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016), sendo identificadas três categorias temáticas recorrentes nos relatos, a saber: a) investimento e incentivo governamental; b) valorização e reconhecimento por parte de equipes e clubes; c) condições estruturais e organizacionais da prática esportiva.

Na categoria investimento e incentivo governamental, grande parte das respostas indicou que maiores investimentos nos âmbitos federal, estadual e municipal poderiam contribuir para a manutenção da prática esportiva, como demonstram os trechos de diferentes participantes:

Incentivo do município e equipe.

Uma atenção extra dos nossos políticos ao esporte, pois muitos têm que tirar de onde não têm para competir.

Formas de incentivo do governo a esportes com menores investimentos de redes

privadas.

Na categoria valorização, reconhecimento e apoio institucional, os participantes expressaram as fragilidades na atuação de clubes e equipes:

Muitos jogadores param mais cedo por falta de profissionalismo de alguns clubes, salários atrasados, alimentação não adequada ‘pra’ atletas, calendário do futebol brasileiro é complicado, nem todos os jogadores conseguem ficar jogando o ano todo. Isso tudo vai pesando na ‘hora’ de parar.

Quanto menos valorizam você, menos ‘tem’ vontade de treinar e se esforçar e menor desempenho.

Por fim, na categoria condições estruturais e organizacionais, foram mencionados os fatores que poderiam ter contribuído para a permanência no esporte, como: maior flexibilidade de horários para treino, aumento da frequência de competições, melhoria da infraestrutura esportiva, ampliação de oportunidades e visibilidade (especialmente nas categorias femininas) e melhores condições de desenvolvimento na modalidade. Ainda foram citados fatores pontuais, como ausência de lesões, realização de cirurgias e impactos da pandemia.

DISCUSSÃO

O resultado da pesquisa expõe uma relação entre esporte de alto rendimento, trabalho e estudo, evidenciada pelos dados obtidos, indicando que 54% dos participantes apontaram a necessidade de trabalhar e/ou estudar como principal motivo para a desistência da prática esportiva. Esse achado indica que a permanência no esporte não depende exclusivamente de fatores individuais mas, está diretamente relacionada às condições concretas de sustentação da carreira esportiva no contexto brasileiro. Os dados revelam uma tensão estrutural entre a exigência de dedicação ao esporte de alto rendimento e a necessidade de inserção em atividades laborais e educacionais, especialmente em contextos onde o esporte não garante

estabilidade financeira. Estudos como os de Romão (2021) e Anversa et al. (2019) já apontam que a conciliação entre esporte, trabalho e estudo constitui um dos principais desafios enfrentados por atletas.

No que se refere aos demais resultados, observamos na Tabela 1 que fatores como falta de apoio financeiro (33%), falta de valorização e reconhecimento (32%) e ausência de infraestrutura adequada (21%) reforçam a compreensão de que a desistência esportiva está associada a condições institucionais e organizacionais, e não apenas à motivação individual. Esses achados convergem com a literatura, que destaca a influência de fatores contextuais na trajetória esportiva (Stambulova & Wylleman, 2019).

Estas condições também podem impactar diretamente variáveis psicológicas cruciais para a permanência na prática, como motivação, engajamento e bem-estar. A literatura indica que ambientes com baixo suporte institucional tendem a favorecer experiências de estresse, desmotivação e até burnout, contribuindo para o abandono esportivo (Isoard-Gauthier et al., 2019).

Nesse sentido, os dados sugerem que a continuidade no esporte de alto rendimento no Brasil é influenciada pelo suporte financeiro, reconhecimento institucional e condições adequadas de treinamento. Embora o atleta de alto rendimento possa contar com a Consolidação das Leis Trabalhistas - quando há formalização do contrato entre o atleta e o clube - e a lei nacional 9.615/98 (Lei Pelé), ainda se apresentam, como aponta a Associação Brasileira de Psicologia Social (Abrapso, 2017), desafios da formação da identidade atlética, visto que estas pouco contribuem nas relações de formação e de trabalho dos atletas profissionais.

Outros aspectos diretamente relacionados à experiência subjetiva do atleta também se destacam na Tabela 1, como a monotonia/perda de sentido nos treinos (23%), percepção de incompetência (19%) e questões de saúde mental (14%). Tais fatores podem estar associados



à redução da motivação, ao esgotamento emocional e ao comprometimento do engajamento na prática esportiva. Compreendemos, assim, que a permanência no esporte depende da interação entre fatores estruturais e psicológicos, nos quais condições objetivas (como financiamento e infraestrutura) influenciam diretamente variáveis subjetivas, como motivação, sentido atribuído à prática e bem-estar, produzindo dificuldades em sustentar a prática esportiva ao longo do tempo.

A análise qualitativa reforça essa compreensão diante dos relatos dos participantes que expressaram como a ausência de investimento e incentivo governamental limita as possibilidades de continuidade, enquanto a falta de valorização por parte de clubes e equipes interfere na motivação e no engajamento esportivo. Weinberg & Gould (2017) discorrem que o reconhecimento e o suporte social são fatores centrais para a manutenção da motivação e da adesão à prática.

No tocante ao papel da Psicologia do Esporte, destacamos que 57% dos participantes indicaram que o acesso a serviços psicológicos poderia ter contribuído para a continuidade na prática. Esse dado evidencia a importância e a relevância de intervenções e do acompanhamento psicológico com foco não apenas no desempenho, mas também no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento diante das adversidades do contexto esportivo e na garantia de direitos. Nesse sentido, a Psicologia do Esporte pode atuar tanto no nível individual quanto no nível institucional.

A atuação e a vasta literatura da Psicologia do Esporte investiga, avalia e fundamenta os fatores que interferem no rendimento do atleta e, nesta perspectiva, orienta a estruturação de programas de treinamento psicológico com vista a reparar e reduzir esses fatores para que, assim, o atleta possa utilizar seu desempenho “máximo”. Diante disso, Rubio (2007) alerta que é nesse ambiente complexo que o psicólogo do esporte tem sido chamado a atuar e torna-se imprescindível uma análise em nível macro (instituição e grupo esportivo) e micro (o

atleta) para se organizar um planejamento (periodização) da intervenção psicológica, sem ferir os preceitos básicos que norteiam a prática profissional do psicólogo e contribuindo para a garantia de direitos.

A integração de fatores estruturais e psicológicos, como necessidade evidenciada neste estudo, poderá contribuir para a construção de políticas, práticas institucionais e intervenções que estimulem e favoreçam condições para a permanência e para o desenvolvimento de atletas no esporte de alto rendimento no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo buscou identificar os fatores que envolvem a impossibilidade e consequente desistência da prática do esporte de alto rendimento. Os resultados evidenciaram que a principal razão para a desistência entre os ex-atletas participantes foi a necessidade de conciliar a prática esportiva com demandas de trabalho e/ou estudo. Destacaram-se como fatores relevantes a falta de apoio financeiro, a ausência de valorização e reconhecimento por parte de equipes e clubes e a precariedade das condições estruturais para a prática esportiva.

No que se refere às possibilidades de permanência, os participantes indicaram que maiores investimentos governamentais, melhores condições institucionais e o acesso a serviços de psicologia constituem fatores importantes para a continuidade no esporte de alto rendimento. Tais achados revelam que a desistência do esporte não se refere apenas à uma decisão individual, mas é resultante de fatores estruturais e psicológicos. A dificuldade de conciliar o esporte com outras exigências da vida cotidiana emerge como um dos principais limites para a sustentação da carreira esportiva no contexto brasileiro. Portanto, observamos a necessidade de desenvolvimento de políticas públicas e estratégias institucionais que ampliem o investimento no esporte, fortaleçam a rede de apoio aos atletas e promovam condições mais equitativas de permanência na prática esportiva.



Além disso, a indicação expressiva dos participantes quanto ao papel do acesso a serviços psicológicos reforça a necessidade de ampliar a atuação desse campo tanto no nível individual quanto institucional, de modo que a Psicologia possa, de forma concreta, atuar na mediação das necessidades e das relações entre sujeitos, instituições e demandas do alto rendimento.

Cabe mencionar que o estudo apresentou limitações sobretudo em decorrência da aplicação do instrumento de coleta de dados, que se deu por meio da internet. Desse modo, consideramos como limitações o baixo controle amostral, em razão da falta acesso ao questionário do público-alvo; limitação dos participantes em relação a problemas de acesso à internet; os participantes precisavam possuir grau de educação e familiaridade com informática que viabilizassem a resposta do questionário eletrônico; e dificuldade para divulgar e encontrar participantes dentro do critério amostral.

Para pesquisas futuras, sugerimos investigações que envolvam aspectos relacionados à implicação das questões de gênero na permanência ou desistência da prática esportiva. Também recomendamos estudos a respeito da condição socioeconômica dos atletas brasileiros e como estes mantêm em vigor sua prática esportiva.

REFERÊNCIAS

- Abrapso – Associação Brasileira de Psicologia Social. (2017). O que é trabalho no esporte? In *Anais do 19º Encontro Nacional da ABRAPSO*.
https://www.encontro2017.abrapso.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=440
- Andrews, D. L., & Silk, M. L. (2018). *Sport and neoliberalism: Politics, consumption, and culture*. Temple University Press.
- Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviços na era digital*.



Boitempo.

- Anversa, A. L. B., Costa, L. C. A., Solera, B., Silva, P. H., & Oliveira, D. V. (2017). Fatores que motivam a desistência da prática competitiva do tênis de campo. *Revista Eletrônica Nacional de Educação Física*, 7(10), 33–42.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bertolino, C. L. (2002). Potencial de excelência da marcha atlética brasileira. *Motriz*, 8(3), 105–108.
- Borges, D. A. H., Campos, R. C., Maciel, L. H. R., & Capelle, M. C. A. (2020). Repensando a dimensão do trabalho no âmbito esportivo na perspectiva de ex-atletas. *Revista de Carreiras & Pessoas*, 10(3), 432–448.
- Bracht, V. (2005). *Sociologia crítica do esporte: Uma introdução*. Unijuí.
- Cillo, E. N. P. (2003). Análise de jogo como fonte de dados para a intervenção em psicologia do esporte. In K. Rubio (Org.), *Psicologia do esporte aplicada*. Casa do Psicólogo.
- Ferreira, N., Jr., & Rubio, K. (2020). Para onde caminha o esporte de rendimento sob a razão neoliberal? Urgências e perspectivas. In J. A. O. Camilo & K. Rubio (Orgs.), *Trabalho e esporte: Precariedade, invisibilidade e desafios*. Laços.
- Frascareli, L. S. (2010). Os “problemas psicológicos” do atleta: Um olhar fenomenológico para a experiência esportiva. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 3(4), 115–129.
- Galak, E., Zoboli, F., & Manske, G. S. (2020). Do corpo da biologia ao corpo da máquina: Algumas considerações a partir do esporte. *Revista da ALESDE*, 12(1), 57–73.
- Guttmann, Allen (1978). *From ritual to record: The nature of modern sports*. Columbia University Press.
- Henriksen, K., Schinke, R., & Moesch, K. (2020). The ecology of talent development in sport: A multiple case study of successful athletic talent development environments.



Psychology of Sport and Exercise, 49, 101653.

<https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2020.101653>

- Isoard-Gauthier, S., Guillet-Descas, E., & Gustafsson, H. (2019). Athlete burnout and the risk of dropout among young elite handball players. *The Sport Psychologist*, 33(3), 170–180. <https://doi.org/10.1123/tsp.2018-0120>
- Justo, M. R. (2019). Abordagem centrada na pessoa na prática da psicologia do esporte. In E. Conde et al. (Orgs.), *Psicologia do esporte e do exercício: Modelos teóricos, pesquisa e intervenção*. Pasavento.
- Knights, S. (2021). Athlete transitions and identity: A critical review of the literature. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 14(1), 1–25.
- Kuettel, A., & Larsen, C. H. (2020). Risk and protective factors for mental health in elite athletes: A scoping review. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 13(1), 231–265.
- Lacerda, F., Jr. (2013). Capitalismo dependente e a psicologia no Brasil: Das alternativas à psicologia crítica. *Teoría y Crítica de la Psicología*, 3, 216–263.
- Lane, S. T. M., & Bock, A. M. B. (2003). ABRAPSO: Uma história da psicologia social enquanto práxis. In A. M. Jacó-Vilela & D. Mancebo (Orgs.), *Psicologia social: Relatos na América Latina* (pp. 123–144). Casa do Psicólogo.
- Lavoura, T. N., Zanetti, M. C., & Machado, A. A. (2008). Os estados emocionais e a importância do treinamento psicológico no esporte. *Motriz*, 14(2), 115–123.
- Maior, G. M. M. S., & Maior, K. L. S. (2020). Trabalho e esporte: Uma contribuição à consciência de classe do atleta profissional. In J. A. O. Camilo & K. Rubio (Orgs.), *Trabalho e esporte: Precariedade, invisibilidade e desafios*. Laços.
- Manske, G. S. (2017). Biossociabilidades e políticas de governo no esporte de alto rendimento. *Revista de Antropologia*, 60(3), 236–256. <https://doi.org/10.11606/2179->



[0892.ra.2017.141650](#)

- Nicholls, A. R., & Polman, R. C. J. (2007). Coping in sport: A systematic review. *Journal of Sports Sciences*, 25(1), 11–31.
- Pistor, E. (2020). *A desigualdade das condições socioeconômicas dos atletas de alto rendimento da marcha atlética brasileira* (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal de Santa Catarina.
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico*. Feevale.
- Reardon, C. L., Hainline, B., Aron, C. M., Baron, D., Baum, A. L., Bindra, A., et al. (2019). Mental health in elite athletes: International Olympic Committee consensus statement. *British Journal of Sports Medicine*, 53(11), 667–699.
- Rocha, P. G. M., & Santos, E. S. (2010). O abandono da modalidade esportiva na transição da categoria juvenil para adulto. *Revista da Educação Física/UEM*, 21(1), 69–77.
- Romão, M. (2021). Sucesso e abandono: Um estudo de caso no judô. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)*, 13(1), 81–98.
- Rubio, K. (2002). O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. *Scripta Nova*, 6(119).
- Rubio, K. (2007). Ética e compromisso social na psicologia do esporte. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(2), 304–315.
- Rubio, K., & Camilo, J. A. O. (2020). O esporte como campo de trabalho: Perspectivas de uma psicologia do trabalho. In J. A. O. Camilo & K. Rubio (Orgs.), *Trabalho e esporte: Precariedade, invisibilidade e desafios*. Laços.
- Santos, D. L. N., & Somariva, J. F. G. (2015). *Fatores determinantes para desistência de jovens atletas em modalidades individuais da cidade de Criciúma/SC* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade do Extremo Sul Catarinense].

<http://repositorio.unesc.net/handle/1/4261>



- Schinke, R. J., Stambulova, N. B., Si, G., & Moore, Z. (2020). International society of sport psychology position stand. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 18(5), 622–639.
- Souter, G., Lewis, R., & Serrant, L. (2018). Men, mental health and elite sport: A narrative review. *Sports Medicine - Open*, 4(1), 57.
- Weinberg, R. S., & Gould, D. (2017). *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício* (6ª ed.). Artmed.
- Zolin, B. (2021). Jogos olímpicos chamam atenção para a saúde mental dos atletas.
<https://drauziovarella.uol.com.br/psiquiatria/jogos-olimpicos-chamam-atencao-para-saude-mental-dos-atletas/>